



CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA MULHER PERPETRADA POR PARCEIROS ÍNTIMOS: UMA REVISÃO NARRATIVA



<https://doi.org/10.56238/levv15n42-055>

Data de submissão: 20/10/2024

Data de publicação: 20/11/2024

Isabelle Poli Bandeira de Mello

Doutoranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Maria Helena Rodrigues Navas Zamora

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO

Estudar a violência psicológica contra a mulher perpetrada por parceiros íntimos é essencial, visto que, ela é na maioria dos casos a primeira forma de violência empregada e que a mesma acontece com mais frequência nesse contexto. Buscando um olhar preventivo, esse artigo visa explorar quais seriam as possíveis consequências de passar por violência psicológica. Propõe-se pensar nas consequências da violência psicológica a partir da revisão narrativa, explorando de forma não sistematizada o que vem sendo apresentado na literatura como possíveis desdobramentos dessa violência. Entende-se que compreender quais as possíveis consequências ligadas essa violência pode trazer uma maior conscientização para a mesma como um fenômeno que precisa de atenção para que possamos tornar as intervenções mais eficientes, visando contribuir para a construção de políticas públicas e de intervenções que possam contribuir para o fim dessa realidade que assola milhões de mulheres no Brasil e no mundo todo.

Palavras-chave: Violência psicológica, Parceiros íntimos, Consequências.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde [OMS] (2002) a violência pode ser definida como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. A violência contra mulher [VCM] é sustentada, segundo Heise (1998/2011), entre outros fatores, pela estrutura patriarcal – um conjunto de relações sociais de base material com relações hierárquicas entre homens e solidariedade entre eles, que os habilitam a controlar as mulheres. Patriarcado é o sistema masculino de opressão às mulheres (Hartman, 1979), amplamente institucionalizado (Lerner, 2019), inclusive pela violência.

A violência psicológica é uma forma de violência contra mulher que pode ser definida como

causar dano emocional à mulher que a prejudique e perturbe seu pleno desenvolvimento ou que vise a degradar ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à sua saúde psicológica e autodeterminação. (Brasil, 2021)

Há um pressuposto de que as violências física e sexual são inevitavelmente mais graves que a violência psicológica. No entanto, há prejuízos, que podem ser irreparáveis no que se refere ao desenvolvimento emocional da mulher violentada dessa maneira. Em geral, na maioria dos casos, ela é jovem e os episódios podem ocasionar marcas para o resto da vida (Mühlen, Dewes & Strey, 2011). Em estudo sobre a violência de gênero, mulheres relatam que a pior forma de violência que vivenciaram foi a verbal/psicológica, gerando marcas difíceis de serem esquecidas (Dalcin & Souza, 2011), ainda que em comparação com pancadas ou privação de liberdade. As mulheres admitem seu caráter silencioso, crônico, comprometedor da saúde psicológica.

Essa violência, mesmo vindo a ser a mais frequente, é a menos denunciada. Uma das hipóteses para essa baixa denúncia é o fato de ela não ter um diagnóstico técnico adequado, bem como a própria ciência da mulher que sofre esse tipo de violência, muitas vezes essa sendo uma predição da violência física (Dias, 2013). A violência psicológica é listada pela literatura como sendo a primeira forma de violência empregada contra a mulher (Bastos, 2021; Jiménez et al., 2019; Silva, 2007, Siqueira et al.; 2019). Isso aparece na literatura por meio da prevalência da violência psicológica isolada, exclusiva, aliada ao fato da alta incidência dela quando em concomitância com os outros tipos de violência; sendo difícil não aparecer anterior às outras formas de violência, continuando ao longo da escalonagem (Silva, 2007).

A violência psicológica contra mulher [VPCM] pode se iniciar de forma lenta e insidiosa, que progride em intensidade e consequência, com humilhações públicas ou privadas e a exposição a situações de vexame (Silva, 2007). Esse tipo de violência tende a ocorrer primariamente, e perdura durante todo o ciclo de violência; somando-se a essa, com o passar do tempo outras formas de violência

vão sendo incorporadas (Silva, 2007). O companheiro usa esse tipo de agressão na intenção de prejudicar a imagem da mulher, fazendo-a sentir-se sem valor e desprezada. Dessa forma, a VPCM assume uma feição crônica e estabilizada; é empreendida sobre a mulher e constantemente ritualizada.

Esse ciclo de violência inicia geralmente de maneira tênue. As manifestações violentas começam com pequenas privações, provocações, situações de humilhação, intimidação e insultos. Tais violências psicológicas e morais evoluem sistematicamente, podendo acarretar outras demonstrações de violência, como a física ou sexual. Episódios agudos de violência podem fazer a mulher querer ou tentar sair da relação. Diante disso, o parceiro tende a culpabilizá-la pela situação, ao mesmo tempo em que promete mudanças de comportamento, sugerindo uma transformação da relação (Lucena et al., 2016). Tendo em vista o potencial caráter progressivo e de escalonamento da violência, focar na exploração das possíveis consequências da violência psicológica faz-se necessário.

Ademais, independentemente da relação da violência psicológica com a violência física proveniente do seu potencial escalonamento, a primeira, deve ser identificada, em especial pelos profissionais que atuam nos serviços públicos, sejam estes de saúde, segurança ou educação. Ela deve ser enfrentada como um problema de saúde pública, independentemente de eclodir ou não a violência física (Silva et al., 2007). Não raro, são detectadas situações graves de saúde associadas ao sofrimento psicológico que serão identificadas ao longo do artigo.

2 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA MULHER

Como esse trabalho busca dar em enfoque na violência psicológica contra as mulheres dedico essa parte especificamente às consequências da violência psicológica. Isso porque parece haver uma escassez na literatura dos agravos relacionados a violência psicológica quando compara a outras tipologias ou quando comparada a violência contra mulher de forma mais geral. Isso é nesse artigo entendido como um problema uma vez que a violência psicológica parece ser a primeira forma de violência empregada (Bastos, 2021; Jiménez et al., 2019; Silva, 2007) dando início ao processo de escalonamento que tem como degrau final o feminicídio.

[...] há a necessidade de uma compreensão de que a violência psicológica, caso seja contida, possa servir como estratégia de redução das demais violências. Da mesma forma, a prevenção da violência psicológica pode ser pensada como uma estratégia de prevenção da violência de modo geral, isto é, não só da violência familiar, mas também da institucional e social. (Silva, Coelho, & Caponi, 2007, p. 102)

Para além disso, a violência psicológica em si, independentemente de haver a escalada ou não, já se configura como capaz de gerar muitos adoecimentos conforme apontados na sessão de resultados. Vale ressaltar que a violência psicológica, é relatada em muitos estudos, principalmente os com autorrelato, pelas próprias vítimas como a tipologia que mais deixou marcas e danos (Silva Júnior et al., 2021). Para as mulheres, o pior da violência psicológica não é a violência em si, mas a tortura

mental e convivência com o medo e terror. Por isso, este tipo de violência deve ser analisado como um grave problema de saúde pública e, como tal, merece espaço de discussão, ampliação da prevenção e criação de políticas públicas específicas para o seu enfrentamento (Silva, Coelho, & Caponi, 2007, p. 99).

Segundo Ludermit et. al (2010), o abuso emocional durante a gravidez pode ser mais importante do que a violência física e sexual em determinar o desenvolvimento da depressão pós-parto. Um estudo de base populacional do Japão o qual isolou a variável violência psicológica encontrou que mulheres as quais vivenciavam apenas situações de abuso emocional apresentaram: pior estado de saúde auto-relatado, suicídio, ideação, dificuldade nas atividades diárias, uso aumentado de serviços de saúde no último mês e sintomas de angústia (Yoshima et al 2009).

Ademais, alguns estudos mostraram sintomas em vários sistemas, incluindo neurológicos, cardiovasculares, abdominais e geniturinários, bem como em sintomas psicológicos (principalmente depressivos) (Porcerelli et al., 2006). Diminuição da autoestima (Cunha & Pinto, 2014; Rey, 2002). Outros possíveis desdobramentos como prejuízo a identidade social também podem ser identificados na literatura (Coelho, Silva, & Lindner, 2014; Rey, 2002). Follingstad et al. (2009) defende que estudos corroborantes são necessários para a seguinte hipótese consequências da agressão psicológica: culpa/vergonha, comportamento suicida, uso e abuso de substâncias, estresse e outros.

A violência psicológica pode ser um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos de ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático [TEPT], transtornos alimentares, consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas (Zancan & Habigzang, 2018). Pode também gerar isolamento social, vergonha, culpa, medo de represálias, desconfiança, transtornos no sono, baixa autoestima, ideações suicidas (Echeverria, 2018).

Para Jiménez et al. (2019), a violência psicológica deve ser considerada uma prioridade na prevenção, pois foi identificada como sendo um antecedente causal direto da violência física. Entretanto, cabe ressaltar que a violência psicológica por si só já se constitui como uma forma de violência que pode gerar diversos impactos negativos na vida da mulher. Portanto, a identificação desta se faz necessária, independentemente de outras formas de agressão.

A literatura busca chamar atenção para uma disparidade nas produções acadêmicas relacionadas ao constructo violência psicológica ao trazer que “embora a maioria das pesquisas existentes tenha se concentrado na prevalência e nas consequências da violência física e sexual por parceiro, as mulheres frequentemente relatam que o abuso psicológico ou emocional (doravante usado de forma intercambiável) pode ser ainda mais prejudicial (Follingstad, 2009; Oliveira et al., 2014) e estudos têm relacionado o abuso psicológico sozinho a muitas limitações (Ludermit et al., 2010; Porcerelli et al., 2006; Ruiz-Perez & Plazaola-Castano, 2005; Yoshihama, Horrocks, & Kamano, 2009).

Vale ressaltar que essas descobertas levaram a um comentário do Lancet de 2010 pedindo uma “reavaliação radical da importância do abuso emocional na saúde da mulher” (Jewkes, 2010).

Em uma revisão sistemática de literatura realizada em um dos artigos que compuseram a dissertação de mestrado, foi encontrado, dos 11 (37,93%) artigos que listaram as consequências e os desdobramentos da VPCM encontrou-se: depressão, não conseguir sair de casa, perda de memória, transtornos de ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, transtornos alimentares, consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas. Também foram listados: isolamento social, vergonha, culpa, medo de represálias, desconfiança, transtornos no sono, baixa autoestima, ideias suicidas, estresse, dificuldade no rompimento do ciclo de violência e na capacidade de resolução de problemas, rejeição e desvalor a si própria, e aumento da tendência a submeter-se a situações de abuso nos relacionamentos, aumento de quase seis vezes para ocorrência de quadros depressivos e seus desdobramentos, como os sentimentos de confusão, insegurança, dificuldades de estabelecer e manter relacionamentos amorosos, disfunções sexuais, hostilidade, uso/ abuso de substâncias psicoativas, fobia social e ataques de pânico. Ademais são listados papel social e autoestima prejudicados e o uso de álcool como uma possível estratégia para lidar com a situação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência psicológica contra mulher tem sido estudada predominantemente dentro do campo de violência contra a mulher sem que exista um foco na mesma. Trata-se, em sua maioria, de artigos que estudam a violência contra a mulher, sem abordar as tipologias ou passando pelas tipologias e dedicando partes pequenas de seus textos para cada uma delas. Com isso, pode-se perceber que ao pensar nas consequências é mais fácil conseguirmos encontrar mais dados sobre violência contra a mulher do que sobre violência psicológica contra a mulher o que parece reforçar um apontamento que vem sendo colocado na literatura sobre uma carência de pesquisas voltadas exclusivamente para a violência psicológica se comparado a quantidade de estudos focados em violências físicas e sexuais (Oliveira et al., 2014),

Essa escassez de estudos, no entanto, não parece acompanhar os dados que trazem uma prevalência da violência psicológica (Silva et al., 2021; Venturin et al., 2021); dados esses que parecem corroborar com um consenso na literatura acerca da escalada da violência com a violência psicológica sendo a primeira forma de violência empregada contra a mulher (Bastos, 2021; Jiménez et al., 2019; Silva, 2007). O potencial de escalonamento da violência psicológica ao se caracterizar como o início da violência contra a mulher, que somando-se a outras formas de violência, acaba por sofrer um processo de escalonamento em que o ponto final é o feminicídio (Silva et al., 2007) já seria o suficiente para atentar-se a mesma. Conforme assinalado por Jiménez et al. (2019), a violência psicológica deve ser



considerada uma prioridade na prevenção, pois foi identificada como sendo um antecedente causal direto da violência física.

Entretanto, cabe ressaltar que a violência psicológica por si só já se constitui como uma forma de violência que pode gerar diversos impactos negativos na vida da mulher. Portanto, a identificação desta se faz necessária, independentemente de outras formas de agressão. Esse artigo buscou ressaltar o que vem sendo produzido na literatura buscando assim fazer um apanhado das consequências que sofrer VPCM independente do escalonamento pode produzir visando assim auxiliar no processo de conscientização e de alerta para a seriedade dessa tipologia tão pouco explorada se comparada a outras, conforme assinalado no parágrafo acima.

Este trabalho defende a necessidade de ressaltar a importância da psicologia nesse contexto, seja pela atuação preventiva proveniente do conhecimento acerca do conceito, quer seja pela reparação de danos e intervenção após as mulheres com tal histórico sofrerem esta agressão, a partir do conhecimento do constructo e dos seus impactos dissertados no presente artigo.



REFERÊNCIAS

- BASTOS, L. F.; SÁ, L. G. C. O que os olhos não veem, o coração não sente? Desenvolvimento de um instrumento brasileiro para avaliar a violência psicológica contra a mulher. *Contextos Clínicos*, v. 14, n. 2, p. 632-659, 2021.
- BRASIL. Lei nº 14.188 de 28 de julho de 2021. Congresso Nacional. Recuperado de: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/14188.htm. Acesso em: 20 nov. 2024.
- COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G. D.; LINDNER, S. R. Violência: Definições e tipologias. Recuperado de: <https://bit.ly/3HGAHO6>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- CUNHA, R. S.; PINTO, R. B. Violência doméstica: Lei Maria da Penha comentada artigo por artigo. 5. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014.
- DALCIN, C.; SOUZA, M. Violência contra a Mulher: Reflexões para o cuidado de enfermagem. In: OLIVEIRA, F. S. de; SANTA MARIA, F. P.; JAEGER, F. P. (Orgs.). *Anais do Interfaces no Fazer Psicológico*, v. 4, p. 37. RS: Centro Universitário Franciscano, 2011.
- ECHEVERRIA, G. B. A violência psicológica contra a mulher: Reconhecimento e visibilidade. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 4, n. 1, p. 131-145, 2018. DOI: 10.9771/cgd.v4i1.25651.
- FOLLINGSTAD, D. R. O impacto da agressão psicológica na saúde mental e no comportamento das mulheres: A situação do campo. *Trauma, violência e abuso*, v. 10, n. 3, p. 271-289, 2009. DOI: 10.1177/1524838009334453.
- HEISE, L. Violence against women: an integrated, ecological framework. *Population Reports*, v. 4, n. 3, p. 262-290, 1998.
- JEWKES, R. Abuso emocional: uma dimensão negligenciada da violência entre parceiros. *The Lancet*, v. 376, n. 9744, p. 851–852, 2010. DOI: 10.1016/S0140-6736(10)61079-3.
- LERNER, G. A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LUCENA, K. D. T. de; DEININGER, L. de S. C.; COELHO, H. F. C.; MONTEIRO, A. C. C.; VIANNA, R. P. T.; NASCIMENTO, J. A. do. Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. *Journal of Human Growth and Development*, v. 26, n. 2, p. 139-146, 2016. DOI: 10.7322/jhgd.119238.
- LUDERMIR, A. B.; LEWIS, G.; VALONGUEIRO, S. A.; DE ARAÚJO, T. V.; ARAYA, R. Violence against women by their intimate partner during pregnancy and postnatal depression: a prospective cohort study. *Lancet*, v. 376, n. 9744, p. 903–910, 2010. DOI: 10.1016/S0140-6736(10)60887-2.
- MUHLEN, B. K. von; DEWES, D.; STREY, M. N. A violência silenciosa: Segredos na família e o impacto para a criança. In: OLIVEIRA, F. S. de; SANTA MARIA, F. P.; JAEGER, F. P. (Orgs.). *Anais do Interfaces no Fazer Psicológico*, v. 4, p. 17-18. RS: Centro Universitário Franciscano, 2011.
- OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. G. de; NJAINE, K.; PIRES, T. O. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 707–718, 2014. DOI: 10.1590/1413-81232014193.19052013.



PORCERELLI, J. H.; WEST, P. A.; BINIENDA, J.; COGAN, R. Physical and psychological symptoms in emotionally abused and non-abused women. *Journal of the American Board of Family Medicine: JABFM*, v. 19, n. 2, p. 201–204, 2006. DOI: 10.3122/jabfm.19.2.201.

RUIZ-PÉREZ, I.; PLAZOLA-CASTAÑO, J. Intimate partner violence and mental health consequences in women attending family practice in Spain. *Psychosomatic Medicine*, v. 67, n. 5, p. 791–797, 2005. DOI: 10.1097/01.psy.0000181269.11979.cd.

SILVA JÚNIOR, F. J. G. da; MONTEIRO, C. F. de S.; SALES, J. C. e S.; COSTA, A. P. C.; TEIXEIRA, M. I. R.; SANTOS, C. A. P. de S. Ideação suicida em mulheres e violência por parceiro íntimo. *Revista Enfermagem UERJ*, v. 29, n. 1, e54288, 2021. DOI: 10.12957/reuerj.2021.54288.

SIQUEIRA, C.; ROCHA, E. S. Violência psicológica contra a mulher: uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. *Revista Arquivos Científicos (IMMES)*, v. 2, n. 1, p. 12-23, 2019. DOI: 10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n1p12-23.

VENTURIN, B.; AZEVEDO, T. S. de L.; PEDROSO, M. R. de O.; NASCIMENTO, L. de C. N.; SOUZA, M. V. de; LEITE, F. M. C. Prevalência e fatores associados à violência contra a mulher cometida pelo parceiro íntimo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde / Brazilian Journal of Health Research*, v. 22, n. 2, p. 119–129, 2021. DOI: 10.47456/rbps.v22i2.27817.

YOSHIHAMA, M.; HORROCKS, J.; KAMANO, S. The role of emotional abuse in intimate partner violence and health among women in Yokohama, Japan. *American Journal of Public Health*, v. 99, n. 4, p. 647–653, 2009. DOI: 10.2105/AJPH.2007.118976.

ZANCAN, N.; HABIGZANG, L. F. Regulação emocional, sintomas de ansiedade e depressão em mulheres com histórico de violência conjugal. *Psico-USF*, v. 23, n. 2, p. 253-265, 2018. DOI: 10.1590/1413-82712018230206.